



**MARCHINHAS DE CARNAVAL: UM RECURSO NO COMBATE AOS
PRECONCEITOS DE RAÇA, ETNIA E GÊNERO NA ESCOLA**

Carmem Araújo¹
Maria de Fátima de Andrade Ferreira²

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa discute a importância das marchinhas de carnaval como recurso didático-pedagógico que a escola poderá utilizar no combate aos preconceitos e discriminação racial, gênero, etnia, pois as atitudes e comportamento nas relações de interação entre alunos carregadas de racismo, autoritarismo, discriminação na escola são inaceitáveis e, é preciso encontrar possibilidades para falar sobre as categorias raça, etnia, gênero na escola, buscando combater a ignorância sobre esses conceitos e violências.

Desse modo, justificamos a relevância do tema da pesquisa para a escola, sociedade, ciência, pesquisadora, professores que trabalham com formação do educador e alunos na educação básica e, desde a licenciatura em Pedagogia, o tema tem despertado nosso interesse sobre em discutir preconceitos produzidos pelas marchinhas de carnaval, como uma contribuição à escola, no combate ao racismo, violências, desigualdades de gênero. E, por ser o carnaval uma manifestação cultural, as festas carnavalescas trazem lembranças perdidas, de amores deixados para trás, são muitas as recordações, produzem sinais de uma cultura, de um espaço-tempo histórico-social. É patrimônio cultural da humanidade, faz parte da identidade do povo brasileiro e representa a sua história, cultura e sociedade. É uma festa de rua, caracterizada pelas orgias, danças, marchinhas, trios elétricos, alvoradas,

1 Graduada pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Colaboradora da Rede de Pesquisa Representação, Discursos e Violência na Escola (FAPESB/UESB) e Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares (NUGEET/UESB), Campus Juvino Oliveira, Itapetinga – BA sob a coordenação da Professora Maria de Fátima de Andrade Ferreira. Pós-graduação lato sensu em Educação Infantil pela Universidade Cândido Mendes. Endereço eletrônico: carmenaraujo10@hotmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, do curso de Pedagogia e Mestrado em Ciências Ambientais (UESB), Campus Juvino Oliveira, Itapetinga, Bahia, Brasil. Coordena o Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares (NUGEET) e Grupo de Pesquisa Resiliência e Educação. Coordena a Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola Brasil. Endereço eletrônico: mfatimauesb@hotmail.com



escolas de samba, concursos carnavalescos, blocos de diferentes manifestações populares e folclóricas, produzem folia, barulho, estripulia, espetáculo e, também, de preconceitos, discriminação e violências, na sociedade contemporânea. É comemorado na rua, mas também em clubes e salões, em espaços públicos e privados, ocupados por participantes que pertencem à elite e a todos (DOMINGUES, 2013). No espaço da rua, todos podem participar, independente de classe, raça, etnia, gênero, sem distinção. Para Moura (2011, p. 121), Carnaval é fantasia. Não apenas fantasia”; contudo, em se retirando esta marca, perde-se do Carnaval aquilo que lhe é mais próprio”.

Falando do carnaval na cidade de São Paulo, em 1928, período que noticiava o aniversário de Campos Elyseos e concursos carnavalescos que já ocorriam desde as primeiras décadas do século XX, para celebração do progresso e escolha do “deus momo”, o “supremo deus do prazer”. Este momento era visto “como sinônimo de enlevo, “excelência”, descontração, “triunfos”, o popular “alvi-roxo” representaria um marco no carnaval paulistano” e o carnaval “se revestia de um sentido lúdico, para não dizer dionisíaco, ninguém tem dúvidas” (MOURA, 2013, p. 119). Para Brito (1986, p. 78), as músicas de Campos Elyseos eram famosas, destacavam-se por ser originárias dos compositores Alcides Marcondes, João de Souza, Benedito Carmelinho. Este último era um grande pianista, respeitado na época. Os afro-paulistanos quebraram paradigmas carnavalescos e monotonia cotidiana, obediências as normas sociais, raciais e a

ordem republicana que os repelia ou os incluía marginalmente e, os cordões carnavalescos dos afro-paulistas abriram um canal de diálogo entre eles e as agências de poder e, na medida do possível, seus desfiles foram utilizados como meio de promoção da equidade (p. 119).

Desseesse período o carnaval celebra alegrias, mobiliza a “população de cor”, enchendo de expectativas, ansiedades e entusiasmos milhares de foliões, de todas as idades, classes, raça, etnia, gênero e produz sentidos e significados. É interessante que, desde essa época, no carnaval já se usava diferentes “instrumentos de percussão (caixas, surdos e bumbos de diversos estilos), mesclava-se o conjunto de choro, com flautim, clarinete, trombone, violão, banjos, chocalhos, pratos e prato com banqueta e eram usados para que os foliões pudessem ouvir e cantar as marchas de seus próprios compositores no espaço paulista. E, “embora o carnaval fosse o mote de sua existência, o cordão preocupava-se com a elevação moral, social, cultural e intelectual dos ‘homens de cor” (COSTA, 2013, p. 136). Para Simson (2007), o carnaval é uma manifestação de resistência étnico-cultural do grupo negro e depois dos operários imigrantes. Em São Paulo foi uma



prova de resistência e, apesar de copiar a elite, não tinha o mesmo objetivo, produziam uma marca de resistência e luta pela igualdade social. As marchinhas foram introduzidas na década de 30, com a rádio e,

Há um período em que os grupos desistiram de compor, escolhendo, dentre as músicas mais tocadas na rádio, aquela para montar o enredo. Quando Vargas impôs temas de caráter nacionalista aos desfiles, voltaram às composições próprias, então na forma de samba-enredo (2013, p. 136).

Nas décadas de 20 e 30, o samba se estabelece como ritmo brasileiro por excelência e “pequenos grupos carnavalescos aparecem aqui e ali nos registros da imprensa e nas memórias de antigos foliões” (MOURA, p. 101), mas nos meados de 30 aparecem os caretas nas ruas da Cidade alta de Salvador, “com máscaras simétricas, de ‘boa aparência’, ou mesmo aterrorizantes e enchiam as ruas de movimentos, fantasias de tecidos brilhantes e coloridos e guizos barulhentos” (p. 101). O predomínio das marchas de carnaval foram mantidas até a chegada do trio elétrico, nos anos 60, em Salvador e as mais cantadas, eram as que se originaram no Rio de Janeiro, e, duravam por muitos anos (SIMSON, 2007). As mulheres participavam atuando ao lado dos homens e até meados da década de 30, embora os brancos pudessem ajudar financeiramente/em espécie com os desfiles dos cordões carnavalescos, não participavam mais diretamente, pois a participação era exclusivamente dos negros. Com apoio de Simson (2007, p. 132) Costa diz: “Não que não fossem aceitos: simplesmente não se interessavam por participar de ‘coisa de negros” (2013, p. 133) e, apesar dos preconceitos, os cordões possibilitaram o fortalecimento das bandeiras, rituais e símbolos afro-diaspóricos e as relações entre eles.

Para Bakhtin (1987), o carnaval ignora qualquer distinção entre atores e expectadores, os palavrões contribuíram para a criação de uma atmosfera de liberdade e invadiram a linguagem familiar da praça pública e o palco; todos vivem o carnaval, não apenas assistem, esta é sua natureza e qualidade, provoca a participação e durante o seu período, todos são carnavalescos. É um período em que há “a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana, cria-se um tipo especial de comunicação ao tempo ideal e real entre as pessoas,” (p. 14). Atores e expectadores, “ninguém conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar, o carnaval não tem fronteiras espaciais. Enquanto dura a festa, só se pode viver conforme as leis, isto é, conforme as leis da liberdade” (1987, p. 15). No Brasil, o carnaval teve sua origem no período da colonização portuguesa, no Dicionário do Patrimônio Histórico (IPHAN, 2015), a cultura popular e definida, “como expressão



cultural dos segmentos menos favorecidos, apartados do poder político e econômico, manteve-se em foco durante muito tempo, gerando contraposições, tais como erudito x popular, moderno x tradicional, hegemônico x subalterno. Costa lembra que Canclini (2013) inclui a cultura de massa nessa discussão, quando associa

o termo 'popular' tanto à noção de povo quanto à noção de popularidade, referindo-se ao que agrada a muitos e alcança altos índices de venda, principalmente em decorrência das ações promocionais da indústria cultural. Essas acepções divergentes em torno do termo concorrem para o debate tradição x inovação. O popular atribuído aos segmentos sociais não afetados pelo cosmopolitismo das elites e pautados na preservação das tradições repousa sobre a permanência das expressões culturais, memória e testemunho de uma identidade cultural. Já a popular produzido pela indústria cultural padece de uma rápida obsolescência, privilegiando sempre o novo (COSTA, 2013, s/d).

Assim, é o carnaval, uma festa popular que durante o seu período vivemos as alegrias das ruas, clubes e, independente de cor da pele, origem, raça, etnia, todos brincam, dançam, cantam as marchinhas carnavalescas juntos e, algumas delas trazem as marcas dos preconceitos raciais, etnia e gênero desde as suas origens coloniais, passando pelo império e sobrevive até os dias atuais.

METODOLOGIA

O presente trabalho é um recorte da pesquisa que discute a importância das marchinhas de carnaval como recurso pedagógico que a escola pode utilizar no combate ao preconceito contra raça, etnia e gênero, no cotidiano escolar e utilizou a abordagem bibliográfica, uma revisão de literatura publicada e disponível para consultas, (livros, jornais, revistas, folhetins de carnaval, letras de marchinhas de carnaval). Este tipo de pesquisa tem como sua principal vantagem o fato de permitir ao pesquisador a cobertura de um conjunto de fenômenos muito mais amplo do que aquela que poderia pesquisar diretamente e, é desenvolvida com base em material já publicado e tem como objetivo analisar posições diferentes sobre determinado tema (GIL, 2010, p. 44) e coloca-o em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do objeto/tema. Assim, buscamos permitir uma aproximação com o objeto de estudo e foram adotados procedimentos metodológicos necessários para se obter respostas aos objetivos propostos pela pesquisa,



com apoio de Bakhtin (1987), Canclini (2013), Costa (2015), Simson (2007), dentre outros referenciais deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A importância das marchinhas de carnaval como recurso didático-pedagógico que a escola poderá utilizar no combate ao preconceito contra raça, etnia e gênero, dentre outros nos espaços e cotidiano da escola, pois o Carnaval é uma manifestação cultural e patrimônio cultural da humanidade que produz espaços ocupados pelos foliões negros e brancos e é uma representação cultural da sociedade mundial e brasileira. Estudos bibliográficos analisados indicam que os resultados mostram a diferença entre negros e brancos desde o período colonial, assim como as formas de participação nos espaços sociais, nos quais os binarismos, autoritarismos, racismos e diferenças de gênero separam, discriminam o outro e produzem violências.

CONCLUSÃO

A escola precisa levantar discussões sobre os estereótipos, preconceitos e discriminação de gênero, idade, raça, etnia, dentre outros que se destacam nas letras das marchinhas brasileiras, levantando questões e problematizações sobre os silêncios e os conteúdos que favorecem uma visão machista, autoritária, discriminatória, racista, dentre outras formas de desigualdades sociais, pois é um recurso muito pertinente por envolver emoções, tradição, música, arte, cultura, dentre outros, que podem permitir a participação com envolvimento do aluno no processo de aprendizagem, desenvolver sua criatividade, interesse, brincadeiras e consciência crítica através do estudo da história do Brasil, do patrimônio cultural e contexto histórico, social e cultura da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Preconceitos e racismo. Desigualdades de gênero. Marchinhas de carnaval.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rebelais. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

BRITTO, I. M. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930)**: um exercício de resistência cultural. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

CANCLINI, N. G. **Culturais híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: USP, 2013.

COSTA, M. E. de A. Cultura popular. In REZENDE, M. B.; GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A.(Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (Verbete)

Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (Verbete)

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural?letra=p> Acesso em: 20.04.2017

DOMINGUES, P. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diáspórico. In **Revista Tempo**. v.9, n. 35, jul.-dez. 2013. São Cristóvão, SE: UFS, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MOURA, M. **O oriente é aqui**: o cortejo de referências fantásticas de outros mundos no Carnaval de Salvador. In MOURA, M. (Org.). **A larga barra da baía**: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org> Acesso em: 20.06.2014.

SIMSON, O. R. de M. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano. Campinas UNICAMP; São Paulo: USP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.